

Diversão & Arte

» RICARDO DAEHN

Cena do filme Furiosa: A Mad Max Saga, com Anya Taylor-Joy

Uma franquia iniciada antes mesmo dos anos de 1980, que ganhou tantos desdobramentos, a ponto de, depois do último filme, exibido em 2015, ter rendido US\$ 370 milhões, exigiu que o consagrado diretor George Miller, jocosamente, saísse da “aposentadoria”, já bem perto dos 80 anos de idade. *Furiosa: Uma saga Mad Max* conta uma etapa prévia da vida da enraivecida personagem de Charlize Theron, em longa indicado a 10 prêmios Oscar (e vencedor em categorias, como desenho de produção, maquiagem e som). A absoluta derrocada no estilo de vida aterroriza a humanidade, imersa em crueldade e no cotidiano de viver apenas “meias” existências.

Aos 28 anos, a atriz Anya Taylor-Joy (da série *O gambito da rainha*) admitiu que, com a franquia, topou com seu “papel mais sujo e mais sangrento”. Ao *The New York Times*, ela comentou que buscava concentração, na tela, “in extremis”, a fim de lucrar completo crescimento profissional. Contou ainda que, antes da recente exibição do longa no Festival de Cannes, chorou, mesmo em frente à

obra incompleta e carente dos impactantes efeitos visuais. Ao lado do colega Chris Hemsworth (no papel do perturbado Dementus), Anya, com graxa no rosto e sangue no olho, se atreveu em impressionantes acrobacias. “Somos animais, e chega um ponto em que alguém simplesmente explode”, pontuou em termo da personagem levada a limites num terra inóspita, a exemplo da qual esteve em *Duna: Parte 2*. Na infância, a personagem Furiosa ganha interpretação de Aylia Browne.

Cheios de ímpetos, há personagens em *Furiosa* que destroçam nacos de carne de cavalo, veem seres humanos como propriedade, entre homens, e implantam desavenças, num ambiente, por si, pesado e povoado por tipos insanos. Em dada altura, Dementus detecta coordenadas de sua existência e a de Furiosa: “Somos dois miseráveis, cruéis”. Entre cuidados extremos com a escassez da água, o poder da gasolina como mola econômica e a soberania dos enraivecidos motociclistas, Furiosa recebe lições do deserto, enquanto, sequestrada, tenta esconder a localização do reinado de abundância em que vivia (o Vale Verde).

Nick Lathouris, roteirista junto com George Miller (como em *Mad Max: Estrada da fúria*,

2015), uma trama de clima mágico, potente em violência, e que se espalha, em raros momentos, na sororidade. Na ópera visual, que se apoia na trilha do holandês Tom Holkenborg (de *Godzilla e Kong*, além de *Sonic*), pesa a ideia de uma mitologia, em que Furiosa se nutre da “força do ódio” e não de algo “que derive da esperança”. O testemunho de seres kamikazes, entre alaranjadas tempestades de areia, também intriga, numa espécie de partida de xadrez na qual humanos disputam o posto de melhor, com a mera finalidade de subsistir.

Entre fortalezas, como a da Vila Gasolina, seres humanos, bestializados, exibem força, numa sucessão de brigas mecanizadas. Num tela de amplitude indescritível, desfilam personagens agrupados na Cidadela, governada pelo bizarro Immortal Joe (Lachy Hulme), cercado pelos esquisitos filhos Rictus (Nathan Jones) e Scrotus (Josh Helman). A revista *Variety* explorou alguns números para contar dos bastidores da aventura que exigiu a energia de 1300 profissionais na criação da obra de Miller. Dessa vez, descolada dos bastidores de duelos entre o astro Tom Hardy e a estrela Charlize Theron (presentes na fita de 2015), a nova ação demandou personagens lacônicos, em intensas cenas rodadas na Austrália, e que trouxeram pedidos específicos de George Miller para a estrela de *Noite passada em Soho*, Anya: “Boca fechada; quero que fale com os olhos”.

A força de uma SOBREVIVENTE

QUINTO FILME DA FRANQUIA DO VISIONÁRIO DIRETOR GEORGE MILLER, FURIOSA: UMA SAGA MAD MAX TRAZ MAIS UMA DESESPERADA JORNADA DESERTO ADENTRO

UM REPRESENTANTE BRASILEIRO EM CANNES

A partir do trabalho coletivo propiciado pelo cinema, o diretor André Hayato Saito, concorrente brasileiro na disputa de curtas-metragens no 77º Festival de Cannes, captou intenso potencial de transformação. *Amarela*, o curta selecionado pelo festival francês, encadeia um processo constante e interno do cineasta. *Kokoro to Kokoro* (filme em torno de amizade estrita da avó dele) vasculhou raízes de Saito, enquanto *Vento dourado* (selecionado como atração para o 31º Sheffield Doc Fest, um relevante festival britânico, e, em julho, presente em festival português) deu relevância ao seio familiar do cineasta. *Amarela* se pautou pela “força de mostrar o entrelugar identitário e o choque cultural entre o Brasil e o Japão”, nas palavras de Saito. Novo impulso na carreira aguarda o cineasta: *Crisântemo amarelo*, primeiro longa dele, será o único latino-americano (em seleção de 175 projetos) a integrar o Torino FeatureLab, instrumento para aperfeiçoamento de filmes em processo. (RD)

Entrevista // André Hayato Saito, cineasta

Em que o cinema sana questões de pertencimento?

Não diria que o cinema sana, mas ele tem um potencial de transformação, tanto para quem faz como para quem assiste. No caso do *Amarela*, a gente montou uma equipe, majoritariamente, amarela. Foi muito novo a gente num set de filmagem se olhar e se reconhecer, não como minoria desta vez, e se sentir pertencido. Para muitos asiáticos brasileiros que vivem a questão do entrelugar — de não se sentir pertencente, nem de lá nem de cá — pode ser transformador. Para quem assiste também. Procuramos ampliar os horizontes das pessoas que assistem, para que a gente consiga complexificar, humanizar e criar empatia por outras realidades.

Ser nipo-brasileiro traz orgulho especial em ver o estúdio Ghibli valorizado em Cannes?

É incrível. Eu fico muito feliz, pois eu cresci

vendo os filmes dos Estúdios Ghibli. É certamente uma referência para mim, uma contação de história magistral, com um olhar muito sensível para as questões humanas. Este ano o pôster do festival é uma cena de *Rapsódia em agosto*, do Akira Kurosawa. Essas referências japonesas com certeza influenciaram muito a minha carreira e meu modo de ver o mundo. Eu lembro de ter visto *A viagem de Chihiro* quando eu tinha 17 anos e foi uma catarse para mim. É um universo tão rico e complexo, sensível, com aspectos de sonho e surrealismo, com mensagens humanas muito fortes. É o filme que mais me marcou dos Estúdios Ghibli, e com certeza contribuiu muito na formação do meu olhar cinematográfico.

Qual a conexão entre *Vento dourado* e o *Amarela*?

O Vento dourado é o segundo da trilogia de curtas-metragens de resgate da minha ancestralidade e investigação da

identidade amarela no Brasil. Eles têm essa conexão temática. O primeiro filme da trilogia, *Kokoro to Kokoro*, foi filmado no Japão. *O Vento dourado*, com minha família no Brasil. E o *Amarela* foi o momento em que eu queria retratar o encontro e o choque cultural entre a cultura japonesa e brasileira.

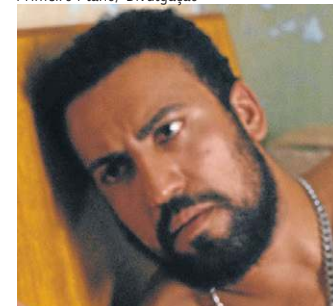
Com qual sentimento desbrava Cannes?

É um sentimento de excitação e muita honra de chamar este (meu) cinema de cinema brasileiro. E, claro, Cannes é um local especial, onde grandes mestres do cinema passaram. É incrível a gente poder representar o Brasil com a nossa história, das pessoas amarelas brasileiras. A gente consegue ampliar o horizonte do que é ser brasileiro. Temos caixinhas muito estereotipadas a respeito de qual é o rosto brasileiro. Nesse sentido, *Amarela* complexifica e enriquece o olhar sobre o Brasil.



Torino FeatureLab / Divulgação

Primeiro Plano / Divulgação



PRÊMIO NACIONAL

Integrada à programação do 77º Festival de Cannes, a 63ª Semana da Crítica já rendeu prêmio para o cinema nacional. Incluído no elenco de *Baby*, longa de Marcelo Caetano, o ator mineiro Ricardo Teodoro venceu como melhor ator revelação, na fita em que contracenou com Bruna Linzmeyer. Com coprodução entre SPCine, Telecine, Canal Brasil e Vitrine Filmes, o longa mostra a reintegração de um ex-detento, que, com o garoto de programa Ronaldo (Teodoro), estrutura uma nova família.